

edelbra

LEONARDO BRASILIENSE

SOFIA
e
MÔNICA

SOFIA
e
MÔNICA

1ª edição, 1ª impressão

Coordenação editorial: Elaine Maritza da Silveira

Projeto gráfico: Laura Guidali Amaral

Fotos: Leonardo Brasiliense

Modelos: Carolina Riter, Marianna Tondolo, Natália Mainardi, Nathalia Belloc

Revisão: Mônica Ballejo Canto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B83s

Brasiliense, Leonardo, 1972-

Sofia e Mônica / Leonardo Brasiliense. - 1. ed. -

Porto Alegre, RS : Edelbra, 2014.

96 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-66470-42-0

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Título.

14-09542

CDD: 028.5

CDU: 087.5

2014

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida

ou copiada, por qualquer meio,

sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

LEONARDO BRASILIENSE

SOFIA
e
MÔNICA

edelbra





1. AGULHA DE COSTURA

LIBERDADE

Banheiro do quarto de MÔNICA. Seis da tarde.
Luz apagada, porta fechada.

SOFIA — Isso dói!

MÔNICA — É, dói. Mas agora nós somos irmãs.

SOFIA — Irmãs de sangue.

MÔNICA — Irmãs de sangue.

SOFIA — Tem Band-Aid?

7

MÔNICA acende a luz e abre a porta espelhada do armário. Nesse movimento desaparece a imagem das duas. Ela pega a caixa de curativos, fecha a porta do armário, estão ali de novo.

Enquanto SOFIA coloca o curativo no dedo, MÔNICA lava a agulha, seca na toalha de rosto e sai do banheiro.

SOFIA olha-se no espelho. Os olhos, a franja castanha quase nos olhos, o nariz reto, a cova no queixo.

MÔNICA volta e para também na frente do espelho. Um pouco mais alta, franja castanha, nariz reto, sem cova no queixo. Ficam olhando uma para a outra, no reflexo.

Desde que nos encontramos a Mônica foi isto para mim: um espelho. Se eu tivesse uma irmã gêmea, acho que ia odiar. Tenho certeza. Mas com a Mônica estou falando de outra coisa. Nem sei dizer. É outra coisa.

Antes eu não tinha ninguém. Dez anos de idade e nenhuma amiga. Não via graça em ninguém.

Meus pais sempre tiveram amigos. Especialmente dois casais, os caras eram colegas do meu pai no frigorífico. Nos fins de semana, eles vinham jantar aqui em casa ou nós íamos à casa de algum deles. Quase todo fim de semana. No início eles traziam as filhas. Depois elas ficaram adolescentes e não vinham mais. Eram mais velhas que eu, não muito, mas o suficiente para não rolar identificação. O fato de sermos todas filhas únicas, de nossos pais trabalharem no mesmo lugar, no escritório de um frigorífico, de eles serem amigos, nada disso me aproximou delas, Ana Júlia e Bete. Elas sim eram amigas, íntimas, e isso me irritava, isso me afastava.

Então eu era bem diferente dos meus pais. De todo mundo. Até aparecer a Mônica.

Então eu preciso contar para vocês quem é a Mônica...

Eu vi Sofia pela primeira vez num corredor de supermercado. Ela estava olhando a prateleira dos absorventes. Paralisada. Eu parei e fiquei olhando. Fiquei ali uma eternidade e ela não se mexia um milímetro, ali, nos absorventes. Nós não tínhamos idade para isso. Ou já tínhamos?

Ela esticou o braço bem devagar e pegou um pacotinho lá do alto. Eu me aproximei e perguntei É pra sua mãe? Claro que não, ela respondeu. Eu tinha ido ao mercado com a nossa empregada, a Niceia. E você está sozinha aqui? Ela não tirou os olhos do absorvente para me responder Vim pegar batatas. Dez anos, nós não tínhamos idade para irmos sozinhas ao supermercado. Ou tínhamos e eu só descobri naquele momento.

A sensação era de que havia descoberto muita coisa sobre mim mesma naquele momento.

Quarto de MÔNICA. Seis e meia da tarde. Persiana aberta, mas com o vidro fechado, é inverno.

A luz do sol é vermelha e quase não ilumina mais. Sentada à escrivaninha, SÓFIA olha pela janela e seu rosto reflete esses últimos raios vermelhos. Os olhos castanhos parecem fixados no lá fora, como se ouvissem o horizonte falando. Ela se volta para o notebook e seu rosto reflete uma luz branco-azulada. Ela escreve, sem usar o indicador da mão direita para digitar: “Eram mais velhas que eu, não muito, mas o suficiente para não rolar identificação”.

12

MÔNICA está deitada na cama, de bruços, e escreve num caderno: “A sensação era de que havia descoberto muita coisa sobre mim mesma naquele momento”.

Agora sim o quarto fica todo escuro.

Quarto de MÔNICA. Nove da manhã.

MÔNICA escova os dentes escorada na porta do banheiro. SOFIA ainda está na cama.

SOFIA — Meus tios vão para a praia sexta. Ele convidou. Era uma.

MÔNICA (a boca cheia de pasta de dente) — Não sei.

SOFIA — Vamos fazer o quê? Passar as férias inteiras aqui dentro do teu quarto?

MÔNICA desaparece da porta. Ouve-se a torneira abrindo lá do banheiro. O som do bochecho. A torneira fechando.

MÔNICA (entrando no quarto) — Não sei. Tem a chácara da tia Maria, no interior. Lá tem menos gente, e eles são bem ocupados. Não iam ficar em cima.

SOFIA — É estranho.

Sempre era estranho estar com mais alguém. Sofia sentia, eu sentia. Mas nunca tínhamos falado. Isso de as pessoas não se falarem porque os dois sabem o que os dois sentem é perigoso.

Não fui eu quem não quis passar as férias na praia com os tios dela, nem ela que não quis ir para a chácara da tia Maria.

Ficarmos no meu quarto simplesmente não era estranho. Não para nós.

14

Os pais de Sofia foram para a Europa, viagem de duas semanas, tipo segunda lua-de-mel. Os meus já haviam tirado férias no verão, mas só vinham de noite. A casa era nossa durante o dia. E quase tudo o que precisávamos estava no meu quarto.

Nossos pais não achavam nada disso estranho.

Cozinha da casa de MÔNICA. Dez da manhã.

Na janela basculante há uma cortina verde-claro. A peça, o ar, a pele das meninas, tudo fica esverdeado.

SOFIA lê o horóscopo no jornal. Lê em voz alta.

MÔNICA — Esse jornal é de ontem.

SOFIA — *Whatever*.

MÔNICA abre uma lata de leite condensado e despeja numa panela. Quatro colheres de chocolate em pó. Uma de nata.

A campainha toca. Ambas se assustam.

Vão atender.

MÔNICA espia pelo olho mágico.

MÔNICA — É o cara do gás.

Ele se chama Pedro. Mas elas ainda não sabem. É meio alto, loiro, tem uma franja esquisita

para o lado direito, quase tapando o olho. Cabelo gorduroso. Os olhos são verdes e grandes, cílios compridos.

Ele entra, carrega o bujão através da sala, da cozinha, até a área dos fundos. Troca pelo vazio. Pede uma esponja com detergente. Testa se não há vazamento.

As meninas junto, atentas.

PEDRO — Tá certo.

16 Voltam à cozinha. Quando Pedro está quase saindo...

SOFIA — Você quer água?

MÔNICA lança um olhar atravessado à amiga.

SOFIA não se abala. Continua olhando para o rapaz. Ele está suado. Usa um uniforme verde com o logotipo da empresa no peito, parece de lona.

Ele aceita.

MÔNICA volta à panela do brigadeiro. Acende o

fogo e começa a mexer.

SOFIA não se mexe. Fica olhando para PEDRO, que olha para as duas, alternadamente.

O ar da cozinha é verde, o uniforme de PEDRO é verde, os olhos de PEDRO são verdes.

MÔNICA (para SOFIA) — Não vai pegar a água?

PEDRO bebe tudo, um copo cheio, e vai embora.

O brigadeiro estava bom. Mônica nunca fez um brigadeiro tão bom. É sempre ela que faz. Eu só sei fazer uma torta de Bis.

- chantili de duas claras
- meio saco de merenginhos
- uma caixa de Bis preto

Coloca o chantili num pote, esfarela os Bis ali, mistura bem, espalha os merenginhos e põe na geladeira.

É melhor no inverno.

Ah, sim, também sei fazer uma torta de morango. Essa vai bem para o verão.

18

- chantili de duas claras
- meio saco de merenginhos
- uma bandeja de morangos

Coloca o chantili num pote, mistura nele os morangos inteiros, com muito cuidado para não esmagar, espalha os merenginhos e põe na geladeira.

Será que o cara do gás curte Bis ou morangos?

Sofia abusou.

Guria mais sem noção.

Oferecida.

Ridícula.

Se os pais dela não estivessem viajando, se ela tivesse com quem ficar em casa, eu interrompia nosso acampamento de bandeirantes agora.

Respira, Mônica, respira. Amigas sabem perdoar.

Ela precisa é de umas aulas. Mulher não se atira assim. Mulher é difícil. Tem que ser conquistada.

O que é que eu estou falando? Ela tem 14 anos.

Por que será que a maldita empresa do gás não mandou o velho careca e barrigudo de sempre?

Quarto de MÔNICA. Nove da manhã.

As meninas se acordam com o som do aspirador de pó no andar de baixo.

SOFIA — Eu vou matar a Niceia.

MÔNICA levanta-se e vai ao banheiro sem falar nada. Começa a escovar os dentes e, através do espelho, observa a amiga ainda na cama: ela espreme o travesseiro sobre a cabeça.

20

SOFIA (sem sair de baixo do travesseiro) — Que horas são?

MÔNICA — Não sei.

SOFIA — Eu vou matar a Niceia.

MÔNICA — Você já disse isso.

SOFIA sai da cama e também vai escovar os dentes. MÔNICA ainda não acabou. Ficam as duas lado

a lado, olhando uma para a outra no espelho.
MÔNICA desvia o olhar.

SOFIA — É ainda o cara do gás, não é?

MÔNICA faz um bochecho, cospe, guarda a escova no armário e sai do banheiro.

SOFIA (com a boca cheia de creme dental) — Tá com ciúmes de mim ou dele?

Lá embaixo Niceia continua aspirando pó.

MÔNICA — O quê?

SOFIA (já de boca limpa, observando a outra através do espelho) — Eu disse Tá com ciúmes de mim ou dele?

O aspirador de pó é desligado.
Silêncio.

Eu acho que a Sofia sempre foi muito sozinha. Tem esse lance de não ter irmãos. Tudo bem, eu também não tenho irmãos. Mas tem o lance de ter crescido sem amigas. Vai ver é por isso que se apegue fácil.

Ela nunca namorou sério. Mas não vai a uma festa sem ficar com alguém. No aniversário da Glória ela beijou dois. Que eu tenha visto. E daí eu me pergunto: para quê? Estava querendo provar algo para alguém? Queria provar alguma coisa para mim?

22

Eu cheguei no ouvido dela e disse Deu por hoje, né, filhinha? E fui embora da festa antes que ela beijassem um terceiro.

Quarto de MÔNICA. Onze e meia da noite.

"Se ela tivesse mais coragem, parava de me criticar e ia à luta," escreve SOFIA em seu *notebook* de tampa rosa.

Na cama, MÔNICA dorme voltada para a parede. Hoje não conversaram até tarde, não assistiram a filmes, não ouviram música. Depois da janta, SOFIA caiu na internet e MÔNICA vestiu o pijama e se deitou para escrever em seu caderno. Quando SOFIA se deu conta, ela já dormia.

SOFIA boceja olhando para a amiga.

"Ela vive se reprimindo."

Volta-se para a janela. A noite é calma, o bairro da casa de MÔNICA é tranquilo, mal passa um carro de vez em quando, ou late um cachorro.

(Não acho que ela tenha inveja de mim. Só não percebeu que eu estou certa e ela, com essa timidez ridícula, está errada. Somos parecidas em quase tudo, quase iguais. Mas nisso...)

Barulho de vidro estourando na rua. SOFIA olha para fora. Quebraram a lâmpada do poste, o da

frente do vizinho, talvez com uma pedra. Ela espera que apareça alguém. Mas nada.

Fecha o Word, abre o Facebook. Nas atualizações: Mônica Assunção começou uma amizade com Pedro de Oliveira. Instintivamente o cursor vai para o *link* do novo amigo da amiga.

Pedro de Oliveira. Loiro, franjão, olhos verdes.

SOFIA paralisa.

É o cara do gás.



edelbra

ISBN 978-85-66470-42-0



9 788566 470420